



Aluno(a):	nº:	Turma:	Nota
Ano: 3º Ano E.M.	Data: 22/08/2019	Trabalho Recuperação	
Professor(a): Alessandro	Matéria: Filosofia		Valor: 10,0

Sua prova deve ser feita à **caneta azul ou preta.**  
**Não rasure e não use corretivo**

**1- Jean-Paul Sartre (1905 – 1980) encontrou um motivo de reflexão sobre a liberdade na obra de Dostoiévski Os irmãos Karamazov: “se Deus não existe, tudo é permitido”. A partir daí teceu considerações sobre esse tema e algumas consequências que dele podem ser derivadas.**

[...] tudo é permitido se Deus não existe e, por conseguinte, o homem está desamparado porque não encontra nele próprio nem fora dele nada a que se agarrar. Para começar, não encontra desculpas. [...] Estamos sós, sem desculpas. É o que posso expressar dizendo que o homem está condenado a ser livre. Condenado, porque não se criou a si mesmo, e como, no entanto, é livre, uma vez que foi lançado no mundo, é responsável por tudo o que faz. SARTRE, Jean-Paul. O existencialismo é um humanismo. São Paulo: Nova Cultural, 1987, p. 9 (coleção “Os Pensadores”).

A partir do texto e do que foi tratado em sala, faça o que se pede abaixo:

a) Defina a Filosofia Existencialista.

---

---

---

---

b) Interprete o seguinte pensamento de Heidegger: “*não basta existir, é necessário transcender a existência, ultrapassá-la, projetando-se e indo além do que está posto para se construir enquanto ser.*”

---

---

---

---

2-



A partir do século XIX, a crença no PROGRESSO como sendo o caminho ideal da sociedade e na ideia do “hoje é melhor que ontem, amanhã será melhor que hoje” tomou conta do pensamento filosófico. Sobre essas questões, tendo como base o que foi estudado e a tirinha acima, responda:

A partir do Século XX, como visto em sala de aula, essa concepção inocente de progresso como salvação e ápice da humanidade mudou.

a) Quais contextos transformaram essa visão de mundo?

---

---

---

---

b) Quais as novas preocupações dos filósofos contemporâneos?

---

---

---

---

**3-** "A palavra estética encontra sua origem etimológica no termo grego *aisthesis*, que, traduzido para a língua portuguesa, significa sentidos, sensação, sensibilidade, percepção pelos sentidos."

a) O que a disciplina filosófica da Estética estuda?

---

---

---

---

b) Para VOCÊ o que seria o BELO? Justifique

---

---

---

---

**4-** Estética (do grego *αισθητική*: perceber, sentir) é um ramo da filosofia que trata da natureza da beleza. Destacando-se da Poética, esse campo da teoria da arte foi delimitado no século XVIII para considerar a arte como contemplação, menos preocupado com a obra em si ou na sua criação mas em como ela age sobre o espírito de quem frui a obra e que sentido tem essa ação.



A partir das informações acima e do que foi estudado, responda:

a) Defina o "belo" para a filosofia.

---

---

---

---

b) Como a noção do belo pode mudar com o passar do tempo?

---

---

---

---

**5- (UNIOESTE - 2012)** "O nascimento da estética como disciplina filosófica está indissoluvelmente ligado à mutação radical que intervém na representação do belo quando este é pensado em termos de gosto, portanto, a partir do que no homem irá logo aparecer como a essência mesma da subjetividade, como o mais subjetivo do sujeito. Com o conceito de gosto, efetivamente, o belo é ligado tão intimamente a subjetividade humana que se define, no limite, pelo prazer que proporciona, pelas sensações ou pelos sentimentos que suscita em nós.  
(...) Com o nascimento do gosto, a antiga filosofia da arte deve, portanto, ceder lugar a uma teoria da sensibilidade".  
Luc Ferry.

Assinale a alternativa que **não** está relacionada com a Estética como disciplina filosófica.

- a) Estética e a tradução da palavra grega *aisthetiké* que significa "conhecimento sensorial, experiência sensível, sensibilidade"; só na modernidade, por volta de 1750, foi utilizada para referir-se aos estudos das obras de artes enquanto criações da sensibilidade tendo como finalidade o belo.
- b) Desde seu nascimento como disciplina específica da filosofia, a Estética afirma a autonomia das artes pela distinção entre beleza, bondade e verdade.
- c) Ainda que a obra de arte seja essencialmente particular, em sua singularidade única ela oferece algo universal. Eis a peculiaridade do juízo de gosto: proferir um julgamento de valor universal tendo como objeto algo singular e particular.
- d) A Estética não cabe apenas ocupar-se com o sentimento de beleza, mas também com o sentimento de sublime.
- e) Considerando que tanto o gosto do artista quanto os gostos do público são individuais e incomparáveis e que, portanto, "gosto não se discute", a Estética como disciplina da filosofia está destinada ao fracasso, pois não é possível dar universalidade ao juízo de gosto.

**6-** Leia o texto:

"Sendo um ser social, o artista reflete, em sua produção, sua própria vida: alegrias, angústias, tristezas, problemas, esperanças do próprio momento histórico. Por mais íntima que seja a produção artística, ela será percebida de alguma forma pelas outras pessoas, de modo que a obra passa a ser um instrumento de comunicação entre o seu criador e aquele que a observa. [...] Dessa forma, podemos perceber que arte e sociedade se relacionam mutuamente. Tais relações, contudo, não são estáticas: elas são dinâmicas e se modificam de acordo com cada contexto em específico. Podemos dizer que, nessa relação, existem três elementos essenciais [...]"

Podemos afirmar que os três elementos essenciais existentes na relação entre arte e sociedade são:

- a) Obra de arte, artista e público.
- b) Público, cultura e sociedade.
- c) Artista, sociedade e espectador.
- d) Cultura, obra de arte e artista.

**7-** Em "O existencialismo é um Humanismo", Sartre cita Dostoiévski: "Se Deus não existe, tudo é permitido".

A interpretação de Sartre sobre essa sentença está indicada de modo mais adequado em:

- a) Deus não existe e não há essência humana anterior à sua existência; o homem, condenado à liberdade e lançado no mundo, é responsável por tudo o que faz.
- b) Ou a moral não tem um fundamento absoluto (Deus), ou não há moral possível; como essa fundamentação moral é necessária, Deus tem de, necessariamente, existir.
- c) Deus não existe e não há essência humana anterior à sua existência; é necessário então afirmar o relativismo moral para toda e qualquer ação humana.
- d) Deus não existe e não há essência humana anterior à sua existência; no entanto, é necessário considerar certos valores como existindo a priori.

**8- (ENEM)**

Ser ou não ser – eis a questão.

Morrer – dormir – Dormir! Talvez sonhar. Aí está o obstáculo!

Os sonhos que hão de vir no sono da morte

Quando tivermos escapado ao tumulto vital

Nos obrigam a hesitar: e é essa a reflexão

Que dá à desventura uma vida tão longa.

(SHAKESPEARE, W. Hamlet. Porto Alegre: L&PM, 2007.)

Este solilóquio pode ser considerado um precursor do existencialismo ao enfatizar a tensão entre

- a) consciência de si e angústia humana.
- b) inevitabilidade do destino e incerteza moral.
- c) tragicidade da personagem e ordem do mundo.
- d) racionalidade argumentativa e loucura iminente.
- e) dependência paterna e impossibilidade de ação.

## Texto I

### Hannah Arendt

Hannah Arendt, filósofa que dá nome ao filme de Margarethe von Trotta, é autora de uma das obras filosóficas mais importantes do século 20. A diretora opta por retratar a filósofa como uma pessoa comum, a professora envolvida com seu trabalho acadêmico, suas aulas e pesquisas. Fixa o enredo do filme no período em que Hannah Arendt escreveu seu polêmico *Eichmann* em Jerusalém. Tenta mostrar o que se passava com a filósofa, o cenário que a motivou a escrever o livro cujo conteúdo foi tomado por muitos como um escândalo. O motivo era a análise desmistificatória de Adolf Eichmann, o carrasco nazista capturado na Argentina e julgado em Jerusalém em 1962. Esperava-se desse homem que fosse um monstro, um ser maligno, um louco, cruel e perverso. A percepção de Arendt acerca do caráter desse personagem histórico, de sua postura comum que o fazia igual a tanta gente, causou mal estar.

Foi justamente a postura de Eichmann que permitiu a Arendt cunhar a ideia tão curiosa quanto crítica relativa à "banalidade do mal". Por banalidade do mal, ela se referia ao mal praticado no cotidiano como um ato qualquer. Muitas pessoas interpretaram a visão de Arendt como uma afronta à desgraça judaica, enquanto ela – filósofa descomprometida com qualquer tipo de facção, religião, partido ou ideologia – tentava entender o que realmente se passava com a subjetividade de um homem como Eichmann.

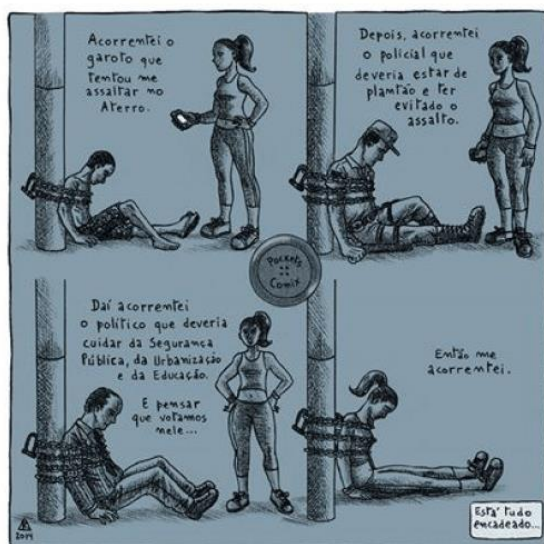
Arendt não tomava sua condição de judia como superior à sua posição como pensadora comprometida com a compreensão de seu tempo. A condição judaica era, para ela, condição humana. Não menos, não mais. O problema da subjetividade, das escolhas éticas que implicam liberdade e responsabilidade, era a questão central no momento em que se tratava de pensar e realizar a política.

[...] A banalidade do mal significa que o mal não é praticado como atitude deliberadamente maligna. O praticante do mal banal é o ser humano comum, aquele que ao receber ordens não se responsabiliza pelo que faz, não reflete, não pensa.

Eichmann foi caracterizado por Arendt como uma pessoa tomada pelo "vazio do pensamento", como um imbecil que não pensava, que repetia clichês e era incapaz de um exame de consciência. [...]

TIBURI, Márcia. In Revista CULT, out. 2013. (adaptado)

## Texto II



<https://www.facebook.com/Pocketscomix>

Conforme a definição de "banalidade do mal", segundo Hannah Arendt, o comportamento apontado na imagem ao lado é causado principalmente pela:

- não compreensão da dignidade do outro envolvido na situação representada.
- incapacidade de se colocar no lugar do outro para entender suas razões.
- descrença no Estado como apaziguador de problemas de convivência.
- falta de reflexão crítica na tomada de decisão de punir o criminoso.
- ausência do senso de coletividade na solução do problema da violência.

**10-** "No ano de 1961, Arendt escreveu um artigo para a revista americana *New Yorker*. O texto era sobre o julgamento de um membro do governo de Hitler [...] Hannah Arendt acompanhou todo o julgamento, escrevendo um artigo sobre ele e suas impressões a respeito do nazista Eichmann. [...] Uma das constatações a que chegou Arendt foi a de que o réu apresentou-se no tribunal como uma pessoa simples, um civil qualquer, uma pessoa que qualquer vizinho chamaria de um bom pai de família, tendo em vista as suas características. [...] Ao analisar as palavras pronunciadas pelo réu, Arendt percebeu a falta de profundidade existente em sua fala e como as suas palavras denotavam uma profunda falta de reflexão." (Ensino Fundamental 9. ano: livro 2 / SAE DIGITAL S/A. - 1. ed. - Curitiba, PR: SAE DIGITAL S/A, 2017. p. 484.)

Foi a partir dessa constatação que Arendt criou o termo *banalidade do mal*, que foi utilizado pela filósofa para designar:

- A falta de profundidade que Eichmann apresentava em seu discurso.
- A maldade com que o nazista calculava minuciosamente suas ações.
- A naturalidade com que Eichmann se dedicava em pensar no mal.
- A forma com que o nazista se apresentou: como um ser demoníaco.